



ID: 118990419

05-09-2025 | WEEKEND

ANÁLISE



# Ensino Profissional: estigma ou solução?

Quem escolhe a via profissional para terminar o Secundário encontra muitas vezes um muro de preconceitos e desvantagens face ao caminho convencional. Mas a solução para insuflar a economia pode estar aqui e o Governo português tem metas ambiciosas para estar em pé de igualdade, neste campo, com os países do centro e norte da Europa, onde a taxa de alunos no Ensino Profissional chega a rondar os 80%.

MARTA VELHO

# N

a próxima segunda-feira, dia 8 de setembro, Gabriel Ferreira, 18 anos, começará uma nova vida. Arrancam as aulas do curso de Engenharia Informática, no Instituto Superior de Engenharia de Coimbra. Correu-lhe bem. Foi colocado logo na sua primeira opção nas candidaturas ao Ensino Superior. Tal como ele, outros quase 44 mil alunos portugueses entraram na primeira fase de acesso. Só que Gabriel pertence a uma minoria. Vem do Ensino Profissional.

“Sempre gostei de videojogos e queria seguir essa área. Já programava sozinho no 8.º e 9.º ano e não me revia num curso de ciências. Por isso optei pelo Profissional”, explica ao Negócios. Mas assume que o que o curso lhe ofereceu não foi suficiente. “Em três anos acho que se podia aprender mais. Para tarefas simples, como manutenção de computadores ou pequenos sites, chegava. Mas, para desafios em empresas maiores, não.”

Acabou por se candidatar ao Ensino Superior. A decisão veio sobretudo da vontade de aprofundar conhecimentos e ganhar experiência em ambiente empresarial. Mas não foi fácil o acesso. Vir do Ensino Profissional trouxe-lhe algumas barreiras. “Os

exames pesam 50% e acabam por desvalorizar componentes fundamentais do curso profissional, como a PAP (prova de aptidão profissional) ou o estágio. Consegui boas notas porque estudei, mas este modelo dificulta a entrada para muitos colegas.”

A dificuldade no acesso à universidade é apenas um dos vários pontos em que os estudantes do Profissional se sentem inferiorizados em relação aos colegas do Ensino Secundário convencional. Gabriel Ferreira assume que várias vezes lidou com o estigma. “Dizer que estava num curso profissional gerava comentários depreciativos, como se fosse mais fácil ou para quem não quer trabalhar”, recorda.

Amadeu Dinis, presidente da Associação Nacional de Escolas Profissionais (ANESPO), reconhece que ainda há muito trabalho a fazer para alavancar o Ensino Profissional e colocar os alunos que escolhem esta via em pé de igualdade com os que optam pelo convencional. “Estes jovens tomam uma decisão no 9.º ano, com 14 e 15 anos. Muitos deles não sabem o que vai ser o futuro e, ao longo do percurso escolar, as vontades alteram-se. E quem escolhe a via profissional tem de ser tratado igual, se quiser prosseguir os estudos. No acesso ao Superior, os alunos do Profissional são submetidos aos exames nacionais como externos e em matérias que não fizeram parte do seu currículo”, lamenta.

## PARA 2030, A META É 55%

A 24 de agosto foram divulgados os resultados da 1.ª fase do Concurso Nacional de Acesso e cerca de 44 mil estudantes conseguiram colocação, naquele que foi o valor mais baixo dos últimos dez anos. A principal razão está na diminuição do número de candidaturas apresentadas. Amadeu Dinis observa que os números mostram que houve vários alunos que concluíram o 12.º ano e decidiram não prosseguir os estudos. Contudo, se não tiverem optado pela via profissional no Secundário, também não estarão preparados para o mercado de trabalho.

“O Ensino Profissional representa hoje 40% dos alunos do Secundário. A tendência é de crescimento, aproximando-nos de países da OCDE onde os números são ainda mais elevados. Na Suíça, por exemplo, cerca de 80% dos alunos estão no Ensino Profissional. Nos países do centro e norte da Europa, essa



continuação

percentagem ultrapassa os 55% e, em muitos casos, chega aos 70%.", explica ao Negócios o líder da ANESPO. Mas os valores já foram mais altos. "Em 2020, tínhamos 50%. Para 2030 a meta é 55%. Estamos ainda aquém e isso deve-se também à falta de informação e orientação vocacional. Os jovens escolhem muitas vezes por impulso ou influência dos pais, quando deveriam ser melhor esclarecidos sobre as potencialidades de cada percurso."

O mais recente relatório da Direção-geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), relativo a 2024 – a edição de 2025 só sairá na próxima semana, a 9 de setembro –, mostra que, no ano letivo 2022/23, havia 1.340.413 alunos no Ensino Básico e Secundário, mais 12.990 do que no ano anterior. Destes, 11.798 alunos estavam matriculados em cursos profissionais, menos 2.452 do que em 2021/22. Nessa altura, concluíram o Secundário pela via profissional 28.097 alunos, menos 1.852 que no ano anterior. A taxa de conclusão destes cursos situou-se em 87,8% (aumento de 0,7 pontos percentuais face ao ano anterior).

"Portugal tem de se alinhar, porque a nossa economia e o nosso tecido produtivo precisam de jovens devidamente preparados para o mercado de trabalho", sublinha Amadeu Dinis. "Hoje vemos muitos alunos que fizeram os cursos científico-humanísticos e que nem sequer se candidatam ao Ensino Superior. Cumpriram a escolaridade obrigatória de 12 anos, mas saem sem preparação prática para o mercado de trabalho. O Ensino Profissional permite que os jovens estejam prontos para ambos os caminhos: prosseguir estudos ou entrar diretamente no mercado."

**Gabriel Ferreira, 18 anos, entrou no curso de Engenharia Informática, no Instituto Superior de Engenharia de Coimbra. Tal como ele, outros quase 44 mil alunos portugueses entraram na primeira fase de acesso. Só que Gabriel pertence a uma minoria. Vem do Ensino Profissional.**

**Na Suíça, cerca de 80% dos alunos estão no Ensino Profissional. Nos países do centro e norte da Europa, essa percentagem ultrapassa os 55% e, em muitos casos, chega aos 70%.**

No contexto da OCDE, o relatório "Education at a Glance 2024" indica que cerca de um terço dos jovens entre os 25 e os 34 anos concluiu o percurso escolar em cursos de ensino profissional, em 2022. Em Portugal, essa realidade representa 39,7% dos alunos do secundário, com uma nota positiva: mais de 74% dos estudantes tiveram experiência prática em contexto de trabalho, acima da média europeia de 64,5%. O país destaca-se, assim, pela forte ligação entre escola e empresas, um ponto crítico para a relevância e aplicabilidade das competências adquiridas.

Mas os resultados no mercado laboral mostram um desfasamento. A taxa de emprego dos alunos portugueses ronda os 76,7%, abaixo da média da União Europeia (81%). Ou seja, apesar de a estrutura do Ensino Profissional ser sólida e da experiência prática estar acima da média, a transição para o emprego ainda não alcança os padrões de outros países europeus.

#### UM SISTEMA QUE REPRODUZ DESIGUALDADES

O estigma é algo que ainda dificulta o pleno acolhimento dos alunos da via profissional. "Esse preconceito vem de trás, desde a separação entre liceus e escolas técnicas. Apesar de se ter esbatido na última década, ainda existe. É preciso persistir em mostrar às famílias e à sociedade que os alunos do Ensino Profissional ficam com mais competências práticas e estão igualmente aptos para o Ensino Superior", explica o presidente da ANESPO.

Luísa Veloso, investigadora na área da Sociologia do Trabalho e do Emprego, conta ao Negócios que, antes de 1974, o ensino industrial e comercial - destinado à

ID: 118990419

05-09-2025 | WEEKEND

## O futuro: transição verde, IA e empresas mais próximas

Portugal prepara-se para uma transformação de fundo no Ensino Profissional. Depois de 20 anos sem revisão, o Catálogo Nacional de Qualificações será atualizado em 2025 para incluir profissões emergentes ligadas à tecnologia digital, inteligência artificial, transição energética e novas indústrias verdes. A medida responde à pressão de um mercado de trabalho em rápida mutação e procura tornar os cursos mais atrativos para os jovens. Paralelamente, estão a ser criados Centros Tecnológicos Especializados, financiados pelo Fundo Social Europeu, que irão equipar escolas com laboratórios de ponta, robótica industrial e "software" idêntico ao utilizado pelas empresas. Segundo Amadeu Dinis, presidente da ANESPO, "a aproximação à realidade empresarial é fundamental para garantir que os diplomados chegam ao mercado preparados e valorizados". Para a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, que coordena a rede de cursos, estes investimentos são cruciais para combater o estigma da "via de segunda" e alinhar a formação com os desafios da economia verde e digital.

Ricardo Almeida

**O Ensino Profissional representa 40% dos alunos do Secundário. Para 2030, a meta é 55%, aponta Amadeu Dinis, presidente da Associação Nacional de Escolas Profissionais.**

classe operária - era de elevada qualidade. Após a democratização, com a unificação do sistema, o Ensino Profissional passou a ser procurado por alunos com menos sucesso escolar, de classes sociais menos favorecidas ou de populações migrantes, fazendo nascer o estigma, que se tem mantido até hoje.

Ainda assim, não é nas famílias nem nas empresas que o preconceito mais se nota, mas nos próprios estabelecimentos de ensino. "Como dizia o sociólogo Pierre Bourdieu, a escola reproduz desigualdades sociais. Em Portugal, há ainda escolas de primeira e de segunda. Mais do que nas famílias, o estigma nasce do próprio sistema escolar", sublinha a investigadora. O resultado é um sistema que reproduz desigualdades. Quem escolhe o profissional tende a vir de meios mais frágeis, com menos capital cultural e menos acesso à universidade. Nas palavras da professora do ISCTE, são muitas vezes vistos como "alunos de fim de linha".

Pedro Solas assume que era um estudante descontente quando decidiu, há cerca de 20 anos, enveredar pela via profissional. "Nunca fui um rato de biblioteca, precisava de algo ligado à prática. Já estava no décimo segundo, em Economia, quando decidi voltar à estaca zero. O curso profissional deu-me bases e gosto por uma profissão que continua a ser valorizada. Graças a essa formação, encontrei rumo e ainda hoje trabalho na área", recorda.

Em 2004, entrou num curso técnico de maquinaria e programação assistida, em Lisboa, no CENFIM, um centro de formação especializado em metalurgia e metalomecânica. Fez o estágio numa oficina de Mafra, onde teve depois o seu primeiro emprego. Evoluiu na carreira, tornou-se profissional independente e chegou a voltar ao centro de formação, desta vez, como formador. "Foi uma experiência enriquecedora, em contacto com novas gerações e tecnologias. Acabei por regressar à produção industrial, que é a minha praia, mas levo muito dessa experiência comigo."

Atualmente, Pedro Solas trabalha como responsável pela produção numa metalomecânica de precisão para a indústria farmacêutica e militar e, apesar do percurso de sucesso, recorda que também sentiu o estigma no início do caminho. "Os meus colegas diziam que era um curso para burros ou para quem queria bolsas. Mas a realidade mostrou o contrário: muitos colegas e ex-alunos abriram empresas e criaram empregos. Hoje acredito que os cursos profissionais são para quem quer trabalhar e vingar, e são cada vez mais necessários no mercado."

Olhando para trás, não fazia nada de diferente. "Comecei a trabalhar cedo, comprei casa cedo e sinto que fiz a escolha certa. O curso profissional deu-me direção e hoje sou feliz no que faço. Continuo a gostar de sair de casa todos os dias para criar soluções e ajudar a avançar a produção. Só tenho coisas boas a dizer desta via", enfatiza.

Gabriel Ferreira também não se arrepende. "Voltava a escolher o mesmo percurso. O profissional deu-me bases sólidas", assegura o estudante. "Hoje percebo que tenho vantagem em programação [no curso superior que agora começa] face aos colegas que vêm do ensino secundário pela via convencional."

Os especialistas asseguram que a economia do país precisa do Ensino Profissional e que é preciso combater preconceitos para que mais estudantes possam enveredar, sem complexos, por essa via. "Não devemos vender a ideia de que o Ensino Profissional é mais fácil. Tem de ter exigência e qualidade. E precisamos de professores preparados para combater o estigma nas suas práticas", sublinha Luísa Veloso.

Para Amadeu Dinis, todos têm de estar envolvidos no caminho - famílias, escolas e empresas - e a aposta deve ser na atualização tecnológica e na empregabilidade. "Áreas como mecatrónica, eletrónica e metalomecânica garantem bons salários. Mas cursos como desporto, apesar da procura, têm saídas limitadas. E a restauração, com alta empregabilidade, precisa de oferecer melhores condições para atrair jovens", sublinha.

Pedro Solas realça ainda a parte da divulgação. "É preciso dar mais visibilidade a estas escolas e mostrar casos de sucesso. Os jovens precisam de informação clara para perceber que esta via pode ser uma escolha válida e promissora", conclui. ■



Pedro Catarino